

## **Uma abordagem da literatura inglesa para alunos brasileiros**

Alexander Meireles da Silva (FEUDUC , ISAT e UNESA)

Presença obrigatória na grade curricular dos cursos de Graduação em Português / Inglês das faculdades de Letras de todo o Brasil, a disciplina de Literatura Inglesa<sup>1</sup> não desfruta junto aos alunos do mesmo prestígio ou preocupação com o aprendizado observado em relação a outras matérias como Língua Inglesa ou Língua Portuguesa, por exemplo. Esta situação decorre da atuação do profissional de Letras dentro do seu campo de trabalho em áreas onde, segundo crêem os estudantes brasileiros, o conhecimento da literatura e da cultura das Ilhas Britânicas não é necessário no dia a dia da profissão normalmente relacionada ao ensino da Língua Portuguesa e/ou Inglesa em cursos de idiomas, estabelecimentos públicos e privados, e nos serviços de tradução ou revisão.

Todavia, as constantes mudanças de um mercado cada vez mais exigente e seletivo apontam para a valorização de um profissional de Língua Inglesa no qual se encontre não apenas um sólido conhecimento lingüístico e sua aplicação dentro do seu campo de trabalho, mas também um igualmente forte

---

1. Dada a enorme variedade de termos utilizados nos estabelecimentos de ensino superior por todo o país, o nome “Literatura Inglesa” será usado neste artigo para designar a disciplina responsável pelo ensino da cultura e da literatura das ilhas britânicas e dos países ou regiões sob a influência inglesa, com exceção dos Estados Unidos, seguindo assim a terminologia escolhida por Anthony Burgess e Alexander Meireles da Silva.

conhecimento da cultura do mundo da Língua Inglesa. Faz-se necessário ao docente e ao discente de Literatura Inglesa, portanto, repensar idéias e rever comportamentos a fim de facilitar o ensino e a aprendizagem desta disciplina. Neste sentido uma estratégia que pode ser utilizada para este fim é a análise da recorrente presença do símbolo da Ilha por toda a história da cultura e da literatura das Ilhas Britânicas. Para demonstrar esta proposta, este trabalho pretende demonstrar de que forma esta particularidade geográfica pode ser usada como ferramenta facilitadora do ensino e da aprendizagem da cultura e da Literatura Inglesa junto aos alunos brasileiros. Para isso primeiramente será apresentado como o símbolo da Ilha aparece em diferentes culturas humanas ao longo do processo de desenvolvimento da civilização. A seguir será visto como este símbolo se articula com a história cultural das ilhas britânicas estando presente desde a sociedade celta até os dias de hoje, passando pelo Classicismo (*A Utopia* / 1516 e *A Tempestade* / 1613), Neoclassicismo (*Robinson Crusóé* / 1719 e *As Viagens de Gulliver* / 1726), Romantismo (“A Balada do Velho Marinheiro” / 1798), Realismo (*A Ilha do Tesouro* / 1884 e *A Ilha do Dr. Moreau* / 1896), Modernismo (*Coração de Trevas* / 1902) e Pós-modernismo (*A Praia* / 1999).

Simbolicamente, em geral, a ilha é considerada um “outro lugar” mágico, um mundo estabelecido à parte: às vezes um objetivo espiritual ou um local reservado para imortais eleitos (TRESIDDER, 2003, p.174). Na mitologia grega, Zeus é originário da ilha sagrada de Minos, pátria dos mistérios e é para as Ilhas Afortunadas que Aquiles é levado após a sua morte na Guerra de Tróia. No Oriente, as ilhas brancas Awa – a ilha da espuma – e Onogorojima são prova da presença universal e atemporal do símbolo da ilha (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1997, p. 501). Nas religiões monoteístas também ela está presente: segundo a tradição muçulmana, por exemplo, o Paraíso terrestre está situado numa ilha e a arquitetura do Jardim do Éden judaico-cristão com seus altos muros o isolando do resto do mundo em muito lembra a geografia de uma ilha.

Como não poderia deixar de ser a ilha desempenhava papel central na vida religiosa dos celtas da ilha da Irlanda. Para eles o outro mundo e o além maravilhoso estavam localizados em ilhas ao oeste ou ao norte. Mas a ilha por excelência dos celtas era a Bretanha, não é por acaso que a ilha era chamada de *Albion* (a Branca). Segundo Julio César era lá que os druidas, a casta religiosa do povo celta, aprendiam seus ofícios, estudavam a ciência sagrada e consolidavam sua ortodoxia (SILVA, 2005, p. 3). Ao se falar do povo celta também é interessante observar a presença de lendas sobre

ilhas sagradas habitadas exclusivamente por mulheres. Acredita-se que tenha sido a partir destas narrativas que se originou a lenda sobre a Ilha de Avalon, a ilha habitada por sacerdotisas celtas para onde o lendário Arthur foi levado após ser ferido gravemente na sua última batalha contra o seu filho usurpador Mordred.

As lendas Arthurianas, de origem celta, se desenvolveriam de fato após a invasão Normanda de 1066. Ao trazerem o feudalismo para a Inglaterra, levando assim a instauração de uma nova ordem nas esferas políticas, sociais e culturais os Normandos acabaram por transformar as lendas sobre um líder guerreiro bretão de nome Arthur em material para uma série de influentes romances medievais nos quais se via a portentosa figura do agora rei Arthur e dos seus cavaleiros da tábua redonda (JENKINS, 1994, p. 49). Dessa forma o símbolo da ilha se transforma para passar a representar a estreita conexão existente entre os regentes ingleses e a terra, uma conexão que ganhou força ao longo de toda a Idade Média Inglesa. O rei se torna assim, ele mesmo, a personificação do simbolismo da ilha se constituindo como um centro espiritual para seu povo. “O rei é a terra, e a terra é o rei”, é a idéia principal nas lendas Arthurianas.

No entanto quando o regente, e conseqüentemente o país se tornam corruptos é necessário tentar encontrar uma outra ilha, e foi essa busca que levou o conselheiro do rei Henry VIII, Thomas More, a publicar no século XVI *Utopia* (1516), a obra que cunhou a palavra “utopia” (o lugar bom encontrado em lugar algum) e que inaugurou a literatura de utopia (PAQUOT, 1999, p. 28).

Refletindo o impacto advindo das descobertas da Era das Navegações e o fascínio provocado pelos diversos relatos de viagens, *Utopia* mostra o naufrágio de um marinheiro português e a descoberta acidental de uma ilha na qual existe uma sociedade pautada pelo equilíbrio e pela organização social, um paraíso terrestre aos olhos do naufrago. A ilha de More é uma crítica a corrupta Inglaterra do rei Henry VIII, se colocando como um exemplo a ser seguido pelo regente.

*Utopia* se tornou um dos primeiros *best-sellers* da literatura européia estabelecendo uma série de convenções e estratégias literárias que seriam seguidos por diversas obras nos próximos séculos, dentre elas, *A Tempestade* (1611), de William Shakespeare.

Como na maioria de suas peças, em *A Tempestade* Shakespeare lida com os temas Classicistas que capturavam a imaginação do público inglês no seu tempo, neste caso, a fascinação exercida pela descoberta de novos mundos e povos devido às navegações, mesmo um século depois de *Utopia*. A estória de *The Tempest* se desenrola em uma ilha.

Deposto de sua posição como Duque de Milão por seu irmão Anthonio, e jogado ao mar com sua filha Miranda, Prospero chega a uma ilha mágica habitada pela bruxa Sycorax e seu filho Caliban. Após a morte de Sycorax ele se torna o senhor do lugar e Caliban, seu servo. Quando a peça se inicia vemos o naufrágio de um navio provocado por uma violenta tempestade criada pelas artes mágicas de Prospero e levadas a cabo pelo espírito Ariel. Neste navio estão o

irmão usurpador de Prospero, Anthonio; o rei de Nápoles, Alonso; seu filho Ferdinand; o honesto conselheiro Gonzalo e o resto da tripulação composta pela comitiva real e os marinheiros. Os naufragos chegam a ilha e se deparam com seus nativos e toda a sorte de acontecimentos fantásticos. Ainda que inicialmente Prospero buscasse vingança contra o rei e seu irmão, o amor despertado entre Ferdinando e Miranda faz com que ele abandone seus planos perdoadando seu irmão e recuperando seu Ducado.

Além de tentar capturar a imaginação do público inglês sobre os mistérios de terras recém descobertas, *A Tempestade* também permite uma leitura política. Um exemplo é a análise de Prospero como uma ilha. Essa interpretação é possível se lembrarmos que, como a maioria dos artistas do seu tempo, Shakespeare também estava engajado nos debates políticos de seu tempo sobre os limites do poder da monarquia frente ao parlamento. Este envolvimento levou o escritor inglês a dissimular sua crítica em um estilo altamente metafórico na qual, ao mesmo tempo em que elogiava a figura do rei, ele criticava suas atitudes como governante. A ilha em que a estória se passa se torna, então, a própria Inglaterra durante o reinado do rei James I, representado no personagem de Prospero. O uso abusivo de seus poderes sobre os outros personagens pode ser considerado, nesta leitura, como os abusos de um monarca que não queria ser contestado sobre seus “Divinos Direitos”, ou seja, a alegação feita pelos reis de que seu direito de governar vinha de Deus. Da mesma maneira, Ariel e Caliban – os legítimos donos da

ilha – podem representar, respectivamente, diferentes segmentos da sociedade inglesa, como o Parlamento e o povo. Shakespeare, no entanto, também fornece uma alternativa a James I na figura do jovem príncipe Ferdinand que aprende, através da restrição e da disciplina imposta por Prospero, a se tornar um rei justo. Portanto, Prospero é como o monarca da casa dos Stuart é, e Ferdinand, como ele deveria ser.

Esta tensão crescente entre o regente inglês e os outros segmentos da sociedade se agravaria durante a regência do filho de James, rei Charles I, quando após uma série de embates com o Parlamento o monarca fechou a casa levando a eclosão de uma guerra civil que terminaria com a execução de Charles e a promulgação de uma República governada pelo puritano Oliver Cromwell. Após 11 anos de governo puritano a morte de Cromwell abriu espaço para a restauração da monarquia com a volta do exílio do filho do rei decapitado, se tornando Charles II. Toda esta turbulenta atmosfera social influenciou o maior poeta do século XVII, John Milton, a desenvolver *Paraíso Perdido* (1667), o grande épico da literatura inglesa cujo título e enredo remetem ao simbolismo da ilha ao mostrar o Inferno e o Jardim do Éden como palco da atuação de Lúcifer. Ele narra aos seus companheiros demônios os acontecimentos que levaram a sua expulsão da presença de Deus e os anima com promessas de vitórias lhes contando sobre uma profecia da criação de um novo mundo com criaturas diversas. Ele decide então viajar rumo aos portões do inferno e daí para o novo

mundo onde irá tentar Eva provocando a expulsão do homem do Paraíso.

A volta da monarquia com a Restauração também marcou a transferência do poder efetivo das mãos dos regentes para as do Parlamento. A partir daí os regentes ingleses deixariam de capturar a imaginação do público como símbolos da Inglaterra, pelo menos até o reinado da Rainha Vitória em meados do século XIX. Com essa passagem de poder uma nova classe se destaca: a classe média. A literatura do século XVIII não deixaria de seguir esta mudança e uma nova forma literária surge dentro do Neoclassicismo: o Romance.<sup>2</sup> Dois romances dessa época muito semelhantes estruturalmente entre si e que trouxeram um novo significado ao símbolo da ilha são *Robinson Crusóe* (1719), de Daniel Defoe e *As Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift. Refletindo o espírito de seu tempo ambas as obras mostram representantes da classe média que, assim como a Inglaterra, se aventuraram pelos mares em busca de lugares (e mercados) desconhecidos. A ilha aparece neste sentido também como um símbolo da expansão colonialista inglesa que alcançaria o seu auge a partir de meados do século XIX (SILVA, 2005, pp. 221-222).

---

2. Na Língua Portuguesa, *Romance* e *Novel* são traduzidos pelo mesmo termo “Romance”. A distinção se dá na busca da representação da realidade a sua volta. Enquanto no *romance* esta representação se alicerça através da presença da imaginação, do sobrenatural e do maravilhoso; no *novel* se tem uma tentativa de observação mais crítica do mundo (SILVA, 2005, p. 174).



No Romantismo, ainda que de forma indireta, a presença da ilha se fez sentir na valorização de outro recorrente elemento na Literatura Inglesa - o símbolo do mar, como pode ser constatado na atmosfera sobrenatural de mistério das baladas anglo-saxônicas da obra de Samuel Taylor Coleridge – e em especial no seu poema “A Balada do Velho Marinheiro” (1798) – e nas de Percy Bysshe Shelley e Lord Byron. A ilha também está presente no Romantismo inglês no resgate dos temas nacionais como os tratados por Walter Scott em *Ivanhoé* (1820); e na observação da Natureza por poetas como Robert Burns, William Wordsworth e John Keats.

A ilha voltaria em destaque durante a literatura Vitoriana de final do século XIX. Entusiasmados com as benesses advindas da expansão colonialista os ingleses (e a sua literatura) se lançaram ao mar buscando conhecer o mundo sob seu domínio. Esse clima de aventura fomentou o renascimento da literatura infanto-juvenil em obras onde a ilha aparecia como lugar de refúgio, como no clássico *A Ilha do Tesouro* (1884), do escritor escocês Robert Louis Stevenson. A ilha também foi tema do romance científico *A ilha do Dr Moreau* (1896), do inglês H. G. Wells, o pai da ficção científica moderna.

Neste romance somos apresentados a estória de Edward Prendick, um naufrago que chega acidentalmente à ilha do título e deixa registrado os incríveis acontecimentos vividos por ele. Prendick gradualmente descobre que a ilha onde ele se encontra é a moradia e campo de trabalho na qual o cientista Moreau realiza hediondas experiências com animais transformando-os em bestas

humanas (Moreau foi expulso da Inglaterra devido a estes mesmos experimentos). Resultado das sofisticadas técnicas de alteração cirúrgica criadas por Moreau, estes seres vivem em uma bizarra comunidade controlada pelo próprio Moreau e seus assistentes, entre eles o sádico Montgomery. Este controle é obtido através de uma combinação de condicionamento psicológico e intimidação física devido ao uso de implantes que causam dor as criaturas. Eventualmente, as criaturas se rebelam contra sua condição e destroem tudo. Prendick porém, consegue escapar da ilha. Refletindo o impacto da Revolução Industrial e da Teoria da Evolução de Darwin sobre todos os aspectos da sociedade europeia da época, a obra de Wells evidencia uma mudança no simbolismo da ilha passando de um local utópico para um antiutópico. A ilha passa também a ser vista como uma prisão, um exílio. Isso ocorreu devido ao predomínio do tom pessimista que permeou a literatura de utopia da época. Além das fortes críticas religiosas que levaram o livro a ser considerado até mesmo blasfemo na sua primeira publicação, o romance de Wells também pode ser lido como uma crítica a ideologia imperialista da Inglaterra no século XIX, sendo as bestas humanas uma representação dos povos dominados pelos ingleses nas colônias.

Esta utilização do simbolismo da ilha como veículo das críticas dos escritores ingleses contra o Imperialismo Britânico e a desintegração dos valores do mundo moderno se acentuou nas primeiras décadas do século XX como uma das características do

Modernismo e foi exemplificado na obra *Coração de Trevas* (1902), de Joseph Conrad, na qual a reflexão e o questionamento dos valores humanos comumente relacionados à ilha e ao mar são encontrados em uma jornada por um rio no continente Africano. Neste curto romance baseado em sua experiência no Congo em 1890, Conrad cria a crítica definitiva ao Imperialismo ao mostrar os efeitos em duas vias da interferência do homem branco na África. Após as duas guerras mundiais que mudaram a percepção do homem em relação ao mundo a ilha aparece como símbolo da ascensão da literatura de antiutopia como visto em *O Senhor das Moscas* (1954), de William Golding, onde após escaparem de um desastre nuclear que vitimou seus pais um grupo de crianças chega a uma paradisíaca ilha remota. Sozinhos e livres das amarras sociais, as crianças gradativamente começam a manifestar o lado bestial do ser humano culminado no assassinato de seus membros.

A crítica a alienação da sociedade moderna lançou as bases para o questionamento do *status quo* dos anos 60. A literatura pós-moderna refletiu este *zeitgeist* e desde então vem buscando novas maneiras de interpretar as rápidas e constantes mudanças do mundo contemporâneo. Um exemplo desta tentativa é o romance *A Praia* (1999), do inglês Alex Garland.

O romance de Garland retrata uma *bad trip* no paraíso narrada por Richard, um jovem sem compromisso com qualquer convenção social, trabalho, ou família. De fato, a única preocupação de Richard é não ter preocupações. Vivendo em meio a sua alienação, ele decide

viajar para a Ásia, mas precisamente para Bangcoc, em busca de alguma emoção. Hospedado em uma pousada ele encontra companheiros de viagem que compartilham tanto de sua (falta de) ideologia quanto da vontade por uma aventura. A emoção que tanto buscam acaba chegando através de um mapa deixado pelo Sr. “Patolino” antes deste cometer suicídio. O mapa os leva a uma ilha paradisíaca no golfo da Tailândia cuja beleza fascina os jovens. No lugar porém existe uma gangue de Tailandeses plantadores de maconha que decidem eliminar os viajantes. A aventura se torna uma tensa escapada pelos perigos da floresta e de seus mistérios, incluindo uma comunidade alternativa de propósitos sinistros.

Retrato da alienação e do cinismo da geração de final do século XX, este romance capta as rápidas e contínuas transformações que vem marcando a sociedade atual. Neste sentido, *A Praia* aponta os rumos da literatura pós-moderna inglesa neste começo de novo milênio. Seguindo as estratégias narrativas dessa literatura, *A Praia* é um exercício intertextual de referências culturais, literárias e cinematográficas mesclando clássicos da literatura inglesa como *Utopia* e *O Senhor das Moscas*, jogos de *Vídeo games* como *Mario* da Nintendo, ensinamentos oriundos da filosofia oriental e personagens da *Turma do Pernalonga*. É interessante observar que a ilha aqui aparece mais como uma convenção literária do que como se estivesse possuído de algum simbolismo maior.

A geografia da Inglaterra não apenas deu forma às colinas, lagos e rios que abundam no país, mas também moldou a complexa

personalidade dos seus habitantes. O inglês é uma curiosa mistura: como é típico de habitantes e nativos de ilhas, ele é tradicional (algo que lembra o estereotipo do inglês tomando o chá das cinco horas seguindo a famosa “pontualidade britânica”) e um pouco desconfiado de estrangeiros. Duas características decorrentes da falta de contato com outras culturas devido ao isolamento geográfico. O fato de viverem em um local de difícil invasão (a última invasão efetiva por forças estrangeiras foi em 1066) faz com que os ingleses sejam também orgulhosos de sua independência política e cultural. Como foi demonstrado através das obras mencionadas neste artigo, estes aspectos relacionados ao símbolo da ilha possuem presença recorrente na história da cultura e da literatura de língua inglesa e podem ser utilizados como uma estratégia que certamente trará um novo entendimento sobre as Ilhas Britânicas.

## Referências Bibliográficas

ABRAMS, M. H. The Norton Anthology of English Literature. Sixth Edition. 2 vols. New York & London: Norton, 1993.

BURGESS, Anthony. English literature. England: Longman, 1990.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. “Ilha”. In: \_\_\_\_\_. Dicionário de Símbolos. Trad. Vera da Costa e Silva, et al. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 501-502.

JENKINS, Elizabeth. Os Mistérios do Rei Arthur. Trad. Luiz Carlos Rodrigues de Lima. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

MCDOWALL, David. An Illustrated History of Britain. London: Longman, 1989.

PAQUOT, Thierry. A utopia. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Difel, 1999. (Coleção Enfoques – Filosofia).

SILVA, Alexander Meireles da. Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Moderna, 2005.

TIBBLE, Anne. The Story of English Literature: A Critical Survey. London: Peter Owen, 1974.

TRESIDDER, Jack. “Ilha”. In: \_\_\_\_\_. O grande livro dos símbolos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 174.